

FOTO-ENSAIOS E MEDIAÇÃO: DA PRODUÇÃO ACADÊMICA PARA OS ESPAÇOS EXPOSITIVOS CULTURAIS

PHOTO-ESSAYS AND MEDIATION: FROM THE ACADEMIC PRODUCTION TO CULTURAL EXPOSITIVE SPACES

Mirian Celeste Martins / UAM
Olga Maria Egas / UFJF
Rita de Cássia Demarchi / IFSP

RESUMO

Análises reflexivas sobre os processos de foto-ensaios que romperam as fronteiras da academia e ganharam o espaço em duas instituições culturais, envolvendo o pesquisar sobre mediação cultural com crianças, estudantes do EJA ou da graduação em Pedagogia, com educadores da Bienal de São Paulo e público em geral. Nas pesquisas realizadas em mestrados e doutorados de um programa interdisciplinar, os foto-ensaios foram utilizados como modos de investigar e argumentar tendo como fundamentos metodologias artísticas de pesquisa como a *a/r/tografia* e a dimensão da *poiesis* no fazer e no pensar das autoras/pesquisadoras. Um exercício de curadoria em camadas, desde a escolha das imagens que compõe cada foto-ensaio até a apresentação em dois espaços expositivos. Assim, os foto-ensaios são transformados em dispositivos da mediação cultural que os fizeram nascer.

PALAVRAS-CHAVE: A/r/tografia visual; Foto-ensaios; Mediação cultural; Curadoria.

ABSTRACT

*Processes here are presented as reflective analyzes of photo essays that broke the boundaries of the academy and gained space in two cultural institutions, involving the research on cultural mediation with children, students of the EJA or graduation in Pedagogy and educators of the São Paulo Biennial, in masters and doctorates of an interdisciplinary program. In the research, photo-essays were used as ways of investigating and arguing based on artistic research methodologies as the *a/r/tography* and the dimension of *poiesis* in the authors' work and thinking. A layered curation exercise, from the choice of the images that compose each photo-essay to its presentation in two spaces epositivos. Thus, the photo essays are transformed into devices of the cultural mediation that made them be born.*

KEYWORDS: *Visual a/r/tography; Photo-essays; Cultural mediation; Curatorship.*



Figura 1: **Resumo Visual:** *Espaços, silêncios, encontros.* Foto-ensaio composto por quatro fotografias digitais das autoras e de Amanda Areias. 2018.

Introduzindo questões

No início era a imagem... Nas paredes rochosas de Lascaux, Altamira, Serra da Capivara, no Piauí, Brasil. Na terra, transformada em Vênus de Willendorf e nas bonecas Carajás dos indígenas brasileiros. Depois veio a palavra. Viviam juntas nos pergaminhos medievais, nas anotações de Da Vinci. Depois quase se separaram nos trabalhos acadêmicos, onde a imagem tantas vezes aparece timidamente como anexo ou apenas como registro documental.

Imagens invadem a vida impulsionadas pelas tecnologias que multiplicam possibilidades na contemporaneidade, mas apenas consumimos imagens ou as lemos de fato para além do reconhecimento, da documentação ou da ilustração? Quais as contribuições das imagens nas pesquisas acadêmicas? Por que expô-las em espaços artísticos e culturais?

Estas questões iniciais foram provocadas por diferentes curadorias, a partir da produção acadêmica de foto-ensaios, que se desdobraram na montagem de duas

exposições. Se por um lado, o exercício da curadoria reflete nosso modo de pensar e viver a mediação cultural, por outro lado, tais curadorias evidenciam - para além dos resultados de pesquisas – novos desdobramentos da própria pesquisa, a produção de catálogos (2016, 2018) e a oportunidade de expandir conversações entre diversos pesquisadores, como neste Simpósio, por exemplo.

Considerando a *poiesis* do pesquisador e a produção dos foto-ensaios, nos conscientizamos dos fios que nos trazem a esta comunicação. Afinal, por que expor foto-ensaios gerados por pesquisas? Quais as aprendizagens das pesquisadoras e da orientadora que se tornou curadora?

Poéticas de artistas-pesquisadoras construindo formas expressivas

Na Pesquisa Baseada em Arte (PBA), o objetivo é criar uma forma expressiva, que possibilitará a um indivíduo garantir uma participação empática na vida dos outros e nas situações estudadas. Em certo sentido, é como um cartão de viagem, algo que se pode usar para ir a qualquer lugar. Para onde se pode chegar quando se utiliza a PBA varia, mas, apesar da diversidade entre os exemplos de PBA, há uma característica comum. Essa característica comum, como indicamos anteriormente, tem ver com a criação de uma forma expressiva. (BARONE e EISNER, 2012, s/p¹)

Diz Langer (1980, p.25), “a forma significativa (que tem realmente significação) é a essência de toda a arte, e é isso que queremos dizer ao chamarmos qualquer coisa de artístico.” As palavras e as formas significantes são, para Langer, dois modos de percepção da realidade ou dois simbolismos: o discursivo e o presentativo.

A utilização de formas de pensamento e formas de representação ou “apresentação” comuns nas linguagens artísticas, como afirma Langer (1971 e 1980) expandem a mente para melhor compreender o mundo. Ao comunicar significados por meio de “qualidades expressivas da forma” autores como Barone e Eisner (2012), Róldan e Viadel (2012, 2017), Irwin (2008, 2013) valorizam as contribuições do uso poético da linguagem, o expressivo uso de narrativas, a criação de filmes, vídeos e imagens digitais e eletrônicas. Assim, qualquer modalidade expressiva que está a serviço para a criação de um trabalho de arte pode ser usada.

A imagem como ideia, um conceito trazido por Viadel e Róldan (2012, 2017), amplia as possibilidades de pesquisas ao eleger a fotografia como metodologia que dá a ver o objeto da investigação propondo outros modos de visualização da

complexidade. Descrições, perguntas, argumentações, hipóteses, determinam escolhas e montagens na busca de clareza conceitual, que tem sido denominada de a/r/tografia visual, onde o A se refere ao artista, o R ao researcher (pesquisador) e o T ao teacher (professor), amalgamados no exercício da pesquisa.

O cuidado com os critérios de produção e análise dessas estruturas [visuais] ilumina a compreensão sobre a construção do pensamento visual. Esse é o novo paradigma nas pesquisas qualitativas relacionadas à educação: a própria Metodologia gera outros tipos de problemas. (EGAS, 2017, p. 254)

Não só a metodologia gera outros tipos de problemas para a investigação, como ela se torna também curadoria de imagens em busca de uma escolha cuidadosa escolha perceptiva e conceitual para encontrar aquelas que possam permitir ao leitor a percepção de processos vividos.

É nesse sentido que a produção de foto-ensaios é, não só a possibilidade de exercitar o olhar para ver e pensar mais profundamente sobre as vivências nascidas na pesquisa, como também se organiza como mediação cultural na medida em que inclui e cuida da percepção do leitor das imagens. Traduz assim um duplo viés: do produtor que é curador das imagens e do leitor que as lê e é levado a estabelecer relações com cada imagem que compõe um foto-ensaio.

No presente artigo, apresentamos a produção de sete pesquisadoras-artistas-curadoras que constroem suas formas expressivas que evidenciam os processos vividos gerando foto-ensaios com escolhas sensíveis e conscientes das imagens que exercitam e ampliam o olhar sobre o foco de suas pesquisas. Assim, os tornam também dispositivos de mediação para os leitores de suas dissertações e teses.

O olhar de Rita Demarchi, perseguindo o visitante, turista ou peregrino nos diversos espaços expositivos como um cuidadoso anjo a velar/acompanhar caminhos e encontros, traz a nitidez, a sombra e os reflexos, as aproximações e afastamentos, ângulos que nos colocam mais perto, de escanteio, de longe, por detrás de vitrines, por entre... Uma mirada peregrina, astuta, em vigília criativa e sensível. Portais para adentrar e mergulhar também nas próprias memórias. No jogo de quatro ou duplas de imagens (Figura 2), a prata e o dourado são matizados pelo silêncio, quase solene.

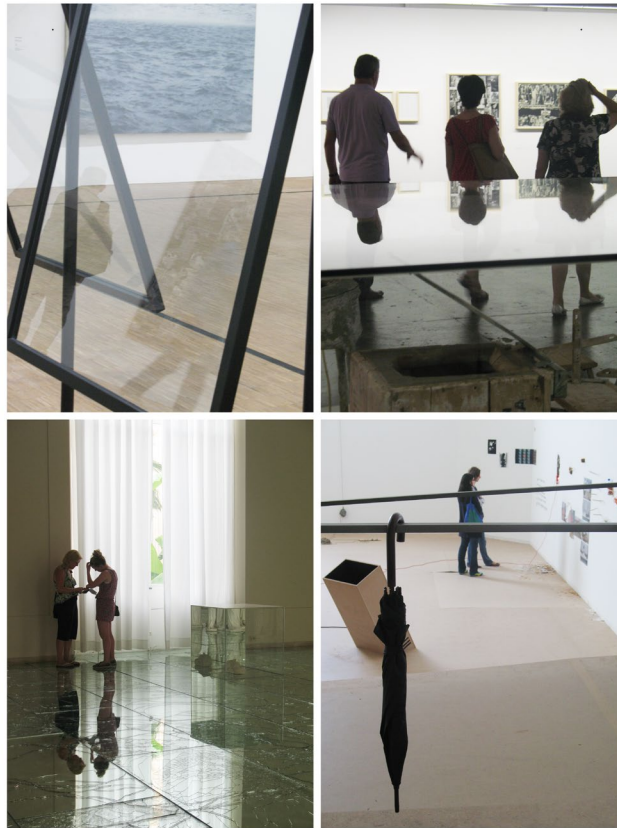


Figura 2: Rita Demarchi. *Entre Encontros II*, 2013. Foto-ensaio composto por quatro fotografias digitais da autora realizadas no Centro George Pompidou/Paris, França; Bienal Internacional de São Paulo, Brasil; Galeria Nacional de Arte Moderna de Roma, Itália e Fundação Serralves/Porto, Portugal.



Figura 3: Olga Egas. *Entreolhar*, 2014. Foto-ensaio composto por seis fotografias digitais da autora (esquerda). Figura4.Olga Egas. *Experimentar*, 2014. Foto-ensaio composto por quatro fotografias digitais da autora (direita).

Olga Egas traz cor, movimento (Figura3 e 4). É ação! Ação de corpos e de mãos na experimentação da matéria e do espaço. As composições fazem o olho passear e compreender processos que se firmam em cada foto-ensaio. O nosso olhar é levado pelo olhar da professora que olha suas alunas e dá a elas um outro se ver na exploração da matéria.



Figura 5: Vanessa Galvani. *Guarda-chuvas*, 2012. Foto-ensaio composto por oito fotografias digitais da autora realizadas no parque.

Vanessa Galvani percebe e fotografa (Figura 5) as descobertas das crianças com um olhar que se desvela ao compor cada foto-ensaio com cuidado e com a suavidade de quem nos ajuda a encontrar o caminho de leitura, entre o branco/preto, o sépia e a cor. As ações da professora são só possíveis de serem vistas pelas ações das crianças que não fazem poses, distraídas no encantamento e na procura, na curiosidade e no desafio. Diz ela que aprendeu a escutar com os olhos, percebendo o que antes lhe passava despercebido. Percebe-se em seu trabalho o olhar de quem fotografa e seleciona para que possamos ver seu próprio caminho.

Em diálogo com os foto-ensaios de Vanessa Galvani, as imagens produzidas por Maria Filippa Costa Jorge revelam também a curiosidade e a criação das crianças em visitas às exposições de arte (Figura6), onde tem atuado como mediadora. A criação das crianças é o foco. Criação na experiência de fotografar, na

experimentação do corpo que explora, que sente, que ouve, que brinca, que se depara com o inusitado. Nas imagens justapostas, as crianças descobrem juntas, chamam a atenção umas das outras para o que descobrem. Interações trazidas pelas falas recolhidas no texto escrito e pelos foto-ensaios que povoam a sua dissertação.



Figura 6: Maria Filippa Costa Jorge. *Substância*. 2016. Foto-ensaio composto por fotografias digitais da autora, realizadas durante a 32ª Bienal de Arte de São Paulo/ São Paulo, Brasil.



Figura 7: Débora Rosa Silva. *Que som é esse?* Foto-ensaio composto por fotografias digitais da autora, durante acompanhamento de visitas à 32ª Bienal de São Paulo/ São Paulo, Brasil.

Débora Rosa Silva apresenta foto-ensaios (Figura7) que revelam processos vividos em sua pesquisa com educadores na 32ª Bienal de São Paulo. Grupos focais, entrevistas e acompanhamentos de visitas e oficinas oportunizaram sensíveis

exercícios, tanto na produção das fotos como na seleção para a construção de foto-ensaios e na leitura das imagens reveladoras de algo que foi se clareando na intensa relação entre imagem, reflexões e textos. Diálogos são evidenciados em seus foto-ensaios, compondo a vida dinâmica dos educadores pesquisados.



Figura 8: Stella Arantes. *A arte e meu corpo*. 2016. Foto-ensaio composto por quatro fotografias digitais da autora realizadas em visita à 32ª Bienal de Arte de São Paulo/São Paulo, Brasil.

Stella Arantes pesquisou alunos da Educação de Jovens e Adultos em processo de alfabetização ao provocar encontros com a arte. Mesmo sem experiências estéticas pessoais, mesmo sem um envolvimento anterior com a arte, apresenta seu olhar sensível nas composições (Figura8) que narram os processos destes encontros, tanto de seus alunos como o seu próprio, evidenciando o quanto as aproximações qualificadas com a arte são transformadoras.

Estela Bonci apresenta os encontros com arte e cultura de estudantes do curso de Pedagogia. Em seus foto-ensaios (Figura 9) o movimento é visibilizado pela justaposição de imagens. A dinâmica viva se impõe na certa seleção das imagens possíveis. Aqui, como em todos os demais, a seleção indica um olhar sensível e perscrutador na busca de sínteses visuais capazes de contaminar o olhar de quem as observa. Atrás do traço perdido, percebe e nos dá a ver o resgate da liberdade que foi esquecida, a sincronia entre mão, gesto e instrumento e o despertar do corpo/mente para a expressão por palavras e imagens.



Figura 9: Estela Bonci. *Espaço, movimentos, traços: ação*. 2017. Foto-ensaio composto por sobreposição de fotografias digitais da autora, realizadas durante as aulas da disciplina Conteúdos e Metodologia do Ensino de Arte na graduação em Pedagogia.

A poética de cada uma das oito a/r/tógrafas visuais se faz presente de modo autoral, diverso e singular, nas fotografias compostas como formas expressivas e intencionais que argumentam, questionam, conceituam ideias, estimulam fazeres e pensares que são também impulsionados pela própria metodologia artística que traz à tona descobertas e reflexões por outros ângulos. Por que deixá-las quietas e solitárias nas páginas das dissertações e teses?

O exercício ampliado da curadoria

As curadorias individuais para composição de cada um dos foto-ensaios se somam à curadoria geral de Mirian Celeste Martins para as duas exposições realizadas: *Encontros Flagrados: foto-ensaios em pesquisa* em 2016 no CHCM e *Encontros em espaços da arte: foto-ensaios em pesquisa* e em 2017 no Museu de Imagem e do Som em Campinas.



Figura 9: *Espaços e encontros I*. Panorama, par de imagens, composto por seis fotografias de Huminick, Areias, Nogueira, Martins e Demarchi, 2018.

Qual a função da curadoria, seu ofício e ferramentas? Quais ferramentas a curadora carregou consigo para a criação e montagem das exposições, com as potencialidades, imprevistos e dificuldades dos espaços? Como a atuação nos espaços acadêmicos e de ensino e de pesquisa reverberaram na curadoria?

Mergulhando nas metodologias de pesquisa e compreendendo os foto-ensaios como potentes exercícios de percepção que se tornam fontes de análise e de maior compreensão do objeto pesquisado, a orientadora se transforma em curadora exercitando uma ação mediadora na medida em que convida o olhar do público para: mirar as poéticas de cada pesquisadora e provocar a leitura de processos de investigação. No primeiro caso, é a a/r/tografia que se torna fundamento, no sentido de que cada pesquisadora/professora é convocada enquanto artista singular, envolvida em seu contexto de trabalho e pesquisa. Apesar de todas trabalharem com base em foto-ensaios, há claras diferenças entre cada uma delas tanto no ato de fotografar como no modo de compor o foto-ensaio evidenciando o objeto de pesquisa. É o processo vivido que se dá a ver. Neste sentido, a curadoria se propôs a ampliar o entendimento da vinculação entre foto-ensaios, metodologias de pesquisas e a produção acadêmica, atenta ao público e fundamentada no conceito de mediação cultural como ação de aproximação, como um convite.

Um convite à disponibilidade e à abertura frente ao que lê e interpreta com seus próprios referenciais ampliados no diálogo e na

multiplicidade de camadas de sentidos que a arte, os objetos, o patrimônio e as manifestações culturais evocam, nos espaços em que são preservados, expostos e divulgados. Um convite para aguçar a percepção, para analisar detalhes e o todo, para trocar e ampliar os saberes diante da multiplicidade, do antigo e do novo, do familiar e do inesperado, do concreto, do histórico e do simbólico. (MARTINS, 2018, p. 85)

Para promover esse convite com a qualidade esperada, a primeira e mais urgente ação nos projetos das exposições foi questionar se os foto-ensaios que haviam sido feitos com resolução gráfica suficiente para uma impressão A4 também apresentariam adequadas propriedades gráficas para uma exibição em formato ampliado e suporte gráfico adequado.

Eder Chiodetto (2013, p. 67) em seu livro *Curadoria em fotografia: da pesquisa à exposição* afirma: “Elaborar o projeto de uma montagem é imaginar a construção de um mundo paralelo. É como antever uma paisagem que irá receber o visitante, tirando-o do seu universo cotidiano para levá-lo a outra dimensão”. Seu texto traz uma bela metáfora:

Gosto de pensar metaforicamente a parede vazia de uma sala expositiva à espera das obras que a preencherão como uma folha em branco à espera de um texto. [...] As escalas maiores ou menores dos trabalhos, assim como a potência de cada um, suscitam palavras em caixa alta e baixa, sublinhadas ou não. E há os espaçamentos entre elas, que devem variar dentro de uma lógica de aproximações e isolamentos. Respiros mais longos ou menos compassados. E assim esta “escrita” vai ganhando ritmo, pulsação e gerando novas relações simbólicas. (CHIODETTO, 2013, p.67)

Para as duas exposições as palavras de Chiodetto ganharam sentido. Como ele, percebemos que o planejamento prévio precisa sempre ser revisto em função do espaço e das obras em si mesmas, buscando respiros, silêncios, conexões... O trabalho da curadoria, entretanto, não se restringe apenas à exposição em si mesma. Além dos catálogos produzidos e que também oportunizaram levar a proposta para além do espaço expositivo, foi importante criar rodas de conversa como um espaço para aprofundar as relações entre os trabalhos acadêmicos e as produções artísticas, de modo não-formal. Na primeira exposição também foi criado um espaço que chamamos de foto-ensaio dinâmico, pois as pessoas poderiam colocar suas próprias fotos da exposição nas redes sociais, ampliando-a com seus

olhares singulares.

Tanto as rodas de conversa programadas, quanto as visitas espontâneas às exposições, como os diálogos instaurados nas vernissagens e as publicações geradas são criações, dilatações, expansão do “entre” que se configura em meio aos espaços acadêmicos, educacionais e artísticos, carregam o potencial do sensível, do inesperado e do imprevisto. São assim formas de mediação junto ao público!

Mediação cultural, curadorias e pesquisa: entrecruzando caminhos

O que se pode perceber é que houve um olhar ampliado sobre as metodologias artísticas de pesquisa e a a/r/tografia visual envolvendo tanto a perspectiva acadêmica como a potência dos foto-ensaios para além das páginas de uma dissertação ou de uma tese. Também ficou evidenciada pela resposta do público a qualidade das fotografias, confirmando que elas por si só também mereciam ser vistas como foram.

Organizar estas duas exposições trouxe à curadora desafios de aprendizagem e de ousadia criativa. Descobertas e surpresas, assim como preocupações e pressões, matizaram este exercício. Curadoria também como conceito e poética a unir na mesma produção a arte, a teoria, a pesquisa e a *poiesis*.

Foi possível perceber como os leitores confrontados com estas fotografias eram convidados a se aproximarem dos processos vividos pelas pesquisadoras, uma vez que os seus objetos de pesquisa tinham potência para provocar significados e impulsionavam reflexões para perceber o olhar daquele que fotografara e suas intencionalidades. O olhar que mira a composição das fotos é levado a perceber, além da própria narrativa visual, o olhar de quem viveu a experiência frente ao outro.

Ver os foto-ensaios em grandes dimensões, isolados das páginas de seus trabalhos acadêmicos, com todos os cuidados de uma reprodução de qualidade, foram e são gatilhos para se pensar sobre as potenciais e intrínsecas relações entre a produção acadêmica e a artística. Neles, as metodologias dão suporte para buscar outros caminhos de análise, reflexão e divulgação das pesquisas acadêmicas nos entrecruzamentos entre a Arte, as Culturas e a Educação.

Sair da produção acadêmica para expor como artista ou como curadora fez romper fronteiras que muitas vezes distanciam a universidade e sua produção do respiro estético e poético que pode alimentar as pesquisas por outros caminhos em diálogo com as áreas de Educação e Arte. O rigor científico e estético está presente em ambos os espaços com suas especificidades e valores testemunhando que tanto as pesquisas quanto a experiência de criar as exposições possibilitam reflexões sobre alguns dos processos e espaços possíveis desses modos de fazer/pensar pesquisa que podem se desdobrar na formação docente. Embora não tenham sido superadas algumas lacunas, os diálogos provocados pelas exposições, que continuam semeando ideias pelos catálogos que vão além delas, escavam outros espaços, ficam no “entre” instituições educacionais/acadêmicas e culturais, encorajando o olhar para as imagens buscando essências e conceitos, criando-se percursos e discursos imagéticos e não verbais.

Assumimos aqui, de modo contundente, o vínculo fundante com a própria arte. Relembramos que foi o amor às imagens e ao ofício da arte que nos levou a estudar arte, e que ao nos tornarmos professoras nos distanciamos do fazer artístico, algo muito comum, infelizmente. Trabalhar com as metodologias artísticas de pesquisa e expor as imagens também são formas de resgate dessa identidade, desse espaço essencial; é um meio, uma estrada e ao mesmo tempo, o reforço de uma finalidade e propósito que jamais foram esquecidos.

Ambas exposições lançaram novos desafios pessoais sobre o uso das imagens, no trânsito entre o educacional, o acadêmico, o artístico, o estético, o poético, a pausa, o silêncio e o fervilhar de conversas. Perguntas são instauradas: As imagens selecionadas teriam potência suficiente para construir pensamentos visuais coerentes? Seriam instrumentos, ferramentas capazes de conectar, estabelecer a profundidade de si e o diálogo com o Outro e com a arte? Quais diálogos? As rodas de conversa apontaram que sim, foi possível para o público absorver as narrativas iniciais e ampliá-las com suas próprias referências de vida.

Se para Chiodetto (2013) o papel da museografia é também coreografar o espaço, vemos que também é propor instrumentos, coreografias e encontros para corpos, sensibilidades, intelectos e imagens nos diferentes espaços e, por estas exposições,

incentivar também pensamentos e parcerias a bailar com a seriedade e a alegria de quem ousa viver a academia contemporaneamente.



Figura 10: Foto-discurso composto com fotografias digitais de Huminhicke e das autoras, 2018.

Notas

¹ “In Art Based Research (ABR), the aim is to create an expressive form that will enable an individual to secure an empathic participation in the lives of others and in the situations studied. In a certain sense, it is like a travel card, something one can use to get somewhere. Where one is to get when doing ABR is varied, but despite the variance among examples of ABR, there is a common feature. That common feature, as we can indicate earlier, has do with the creation of an expressive form.” (BARONE e EISNER, 2012, s/p).

Referências

- BARONE, T. & EISNER, E. *Arts based research*. Los Angeles: Sage, 2012, e-book.
- CHIODETTO, E. *Curadoria em fotografia: da pesquisa à exposição*. São Paulo: Prata Design, 2013, 103p.
- DIAS, B. e IRWIN, R. (org.). *Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2013, 244p.
- IRWIN, R. *A/r/tografia: uma mestiçagem metonímica*. In BARBOSA, A.M. & AMARAL, L. (org.) *Interritorialidade: mídias. Contextos e educação*. (pp. 87-104). São Paulo: SESCSP, 2008. 236p.
- LANGER, S. K. *Filosofia em nova chave*. São Paulo: Perpsectiva, 1971, 306p.
- LANGER, S. K. *Sentimento e Forma*. São Paulo: Perpsectiva, 1980, 448p.
- EGAS, O. M. B. *Metodologias Artísticas de Pesquisa em Educação e Deslocamentos na Formação Docente: a fotografia como construção do pensamento visual*. 2017. Tese (doutorado) Universidade Presbiteriana Mackenzie, 293p. Disponível em: <<http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/3264>>. Acesso em 10 jun 2018.
- MARTINS, M.C. *Mediação*. In: Instituto Brasileiro de Museus. *Caderno da Política Nacional de Educação Museal*. Brasília, DF: IBRAM, 2018, p. 84-88. Disponível em: <<https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>>. Acesso em 26 jun 2018.
- ROLDÁN, J. e VIADEL, R.M. *Metodologías Artísticas de Investigación em Educación*. Málaga: Aljibe, 2012. 276p.
- VIADEL, R.M. e ROLDÁN, J. *Ideas Visuales. Investigación Basada em arte e Investigación Artística. Visual Ideas. Arts Based Research and Artistic Research*. Granada: Universidad de Granada, 2018, 253p.

Catálogos

Encontros flagrados: foto-ensaios em pesquisa. São Paulo: Uva Limão, 2016, 24p.

Encontros nos espaços de arte: foto-ensaios em pesquisa. São Paulo: Uva Limão, 2018, 28p.

Mirian Celeste Martins

Professora do Curso de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura e do Curso de Pedagogia da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Líder dos Grupos de Pesquisa: Arte na Pedagogia/GPAP e Mediação Cultural: provocações e mediações estéticas/GPeMC. Foi professora do Instituto de Artes/UNESP. Atuou também em programas educativos e tem livros e artigos publicados. Doutora em Educação (FE/USP).

Olga Egas

Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora/MG. Atua nas disciplinas de ensino e aprendizagem da arte para as licenciaturas em Artes Visuais e Pedagogia. Coordenadora do MIRADA – Grupo de estudos e pesquisa sobre Visualidades, Interculturalidade e Formação Docente (FACED/UFJF). Pesquisadora dos Grupos de Pesquisa GPAP e GPeMC. Doutora em Educação, Arte e História da Cultura (UPM/SP).

Rita de Cassia Demarchi

Professora efetiva de Arte no IFSP/ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. Atuou em disciplinas práticas e teóricas na área de Artes Visuais, História da Arte e Educação; em materiais didáticos, fotografias para publicações. Vice-líder dos Grupos de Pesquisa GPeMC e Pelti. Doutora em Educação, Arte e História da Cultura (UPM/SP), com estágio na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Mestre em Artes Visuais (IA/UNESP).